

# **MEMÓRIA**

**Assunto: Rede Intersetorial de Anhumas**

**Título: A escola, o postinho e a equipe volante: uma história sobre as vontades políticas**

**Autora: Fernanda da Silva Souza – Socióloga**

**Período de Produção: novembro de 2023 a abril de 2024**

**Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social – SMADS Piracicaba  
SP – Brasil**

**Superintendência de Gestão do SUAS**

**Coordenação de Vigilância Socioassistencial**

## A escola, o postinho e a equipe volante: uma história sobre as vontades políticas.

*Agradeço imensamente a todos os entrevistados e entrevistadas que me ajudaram a realizar este trabalho com suas generosidades e delicadezas. Essas pessoas todas querem fazer com. Estão todos nominalmente mencionados no capítulo "metodologia".  
Agradeço ainda todos os membros da COMPETI, onde o trabalho se torna ainda mais potente e significativo.*

*E, finalmente, ao meu querido amigo Fernando Monteiro Camargo que foi o primeiro a me convidar para participar da COMPETI e com quem, por conta das inúmeras conversas e trocas de ideias, pude desenvolver um entendimento aprofundado sobre o que é a assistência social e sobre qual é o papel da socióloga nessa terra de belezas e durezas que é a SMADS. Todos vocês são pessoas incríveis.*

### Introdução

Logo que entrei na Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social (SMADS) de Piracicaba – em maio de 2023 – comecei a participar das reuniões da Comissão de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Adolescente Irregular, a COMPETI, que foi criada em 2011 e regulamentada em 2020. É uma comissão intersetorial de controle social, vinculada ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA. As reuniões acontecem uma vez por mês e são abertas para todos os serviços ou entidades que atuam com crianças e adolescentes, com enfoque na prevenção, combate e erradicação do trabalho infantil. Teremos um capítulo para falar especificamente dela.

Nessas reuniões chamava a atenção o fato de que o bairro rural de Anhumas sempre era pauta. Os participantes apresentavam ações que estavam sendo realizadas por lá e davam informes sobre atividades desenvolvidas. Notava-se que Anhumas mobilizava servidores das diferentes redes e de diversos serviços para seu interior. Profissionais que se deslocavam até o bairro para levar e ofertar serviços, programas e projetos. Inclusive, havia se estabelecido uma outra reunião bimestral entre redes só para os trabalhadores que atuavam nessa "força-tarefa", mobilizada no entorno dos equipamentos principais de Anhumas: as duas escolas públicas (uma municipal e outra estadual), o PSF e a igreja católica que, entre outras coisas, recebe a equipe volante da assistência social.

Surge, daí, interesse em tentar entender como essa articulação de redes vai sendo construída e se estabelece, pois uma das tarefas da assistência social é a de articular as diferentes redes de serviços públicos e de fomentar ações intersetoriais. Como consta em artigo de Marisabel Luchesi, disponível no blog GESUAS:

"Várias são as dimensões e fatores que se inter-relacionam no âmago das questões sociais. Dessa maneira, fica fácil entendermos a incompletude da assistência social enquanto política pública de proteção social". É essa noção de incompletude que nos torna provocadores dessas articulações que devem visar romper com a fragmentação dos atendimentos e promover a efetivação tanto dos direitos do usuário, quanto das proteções sociais. Como vemos no Caderno de Orientações Técnicas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS:

*"A intersectorialidade pressupõe uma forma de gestão das políticas públicas que visa superar a fragmentação dos conhecimentos e das estruturas sociais para produzir efeitos mais significativos na vida da população. Representa a articulação de poderes, setores e saberes para enfrentar e responder, de forma integrada e com objetivos comuns, as questões sociais, considerando suas complexidades e expressões nos diferentes territórios." (pg 65)*

Mas essa incompletude não é apenas da assistência social. Isoladamente, nenhuma das redes, que também podem ser entendidas como redes de cuidados, é capaz de dar conta das demandas apresentadas pela coletividade. Nenhum grupo social ou indivíduo precisa só da educação, ou só de um tratamento médico, ou só de um benefício ou serviço da assistência social. Antes, é o conjunto dessas necessidades que compõe a reprodução da vida. O cuidado não se constitui como uma política pública apenas, mas sim como um sistema integrado dessas possíveis políticas.

A articulação da assistência social entre seus próprios serviços e entre os serviços das demais políticas públicas é fundamental não só para a realização de proteção social e de garantia de direitos mais efetivas, senão também para garantir um processo de construção de saberes, ações e trabalhos mais democráticos entre agentes públicos que se ouvem, se conhecem e baseiam suas atuações a partir da parceria e das corresponsabilizações que estabelecem entre si. A ideia é que atuando em rede sejamos capazes de diminuir a sensação de estarmos caminhando sozinhos e também a sensação de frustração que carregamos quando nos colocamos como únicos responsáveis pela orientação e realização das ações, atividades e atendimentos

dos nossos usuários.

No entanto, sabemos o quanto isso é difícil. Como Anhumas havia conseguido atrair tantos serviços e mobilizar vários profissionais em seu entorno em um nível de articulação que gerou até um calendário próprio de reuniões? Desse interesse geral, perguntas específicas vão sendo formuladas: Quais meandros foram sendo desenvolvidos para que essas estruturas de proteção e cuidado se estabelecessem? Que histórias revelam as especificidades que tornaram possível a formação dessa rede intersetorial? O que Anhumas tem de diferente que conseguiu mobilizar tantos olhares para si? Porque e para que esses agentes estão lá? E o que eles estão fazendo? Qual a relação da COMPETI com essa movimentação?

Responder essas questões e conseguir entender como essas relações de trabalho foram sendo construídas pode nos deixar um exemplo de interação possível, tanto como forma de exemplo prático para nossa formação, tanto como forma de esperança para nosso porvir. Precisamos de ambos. Precisamos de exemplos concretos, de casos de sucesso e de boas práticas que possam ajudar a nos qualificar, pois é preciso capacitação técnica para podermos construir essas intersetorialidades e articulações entre redes. Nesse sentido, ter contato com a experiência de Anhumas se transforma num instrumento de formação. Por outro lado, precisamos acreditar. Conhecer a história que entrelaça os caminhos dos profissionais que atuam (ou atuaram) em Anhumas pode representar um impacto sobre nossa compreensão do que é possível e de nossa própria potência. Pode nos permitir reconhecer em nós mesmos e nos nossos pares sujeitos capazes de construir além, de ir um pouco mais, de fazer um pouco melhor. Tudo como possibilidade real, expressa nas experiências compartilhadas daqueles que fizeram da vontade política um motor para a efetivação do próprio trabalho.

Como veremos no capítulo a seguir, na descrição da metodologia, tentei responder essas perguntas através de entrevistas realizadas com os agentes públicos envolvidos nesses processos. Essas entrevistas darão origem a dois documentos diferentes: este relatório, que apontará os principais resultados da pesquisa e uma apresentação resumida, em slides, que permita que as pessoas tomem conhecimento dos resultados de forma mais rápida.

No presente relatório, além do próximo capítulo que tratará da metodologia, serão abordados cada um dos temas que mais frequentemente apareceram nas entrevistas, alguns de forma mais espontânea e outras motivadas pelas perguntas. Resumidamente:

Os diferentes pontos de partida que são mencionados e as diferentes compreensões acerca de “quando tudo começa”;

As características do bairro;

As potencialidades levantadas ao longo das entrevistas;

O entendimento de que no bairro falta acesso à cultura (aqui compreendida como um conjunto de produções, aparelhos e eventos artísticos), lazer, aos serviços de saúde da média e alta complexidade e de transporte público;

A COMPETI como um holofote que jogou luz sob o problema do trabalho infantil e voltou olhares para o bairro. Por outro lado, as diferentes formas de ler e interpretar o diagnóstico acerca do trabalho infantil que foi realizado no interior da escola.

A formação da Rede Inter de Anhumas, uma rede intersetorial composta por profissionais e agentes públicos que atuam no bairro;

A questão do trabalho infantil como motor dessas articulações que ocorrem em Anhumas e suas particularidades;

A atuação, presença, potências e dificuldades de cada um dos serviços presentes no bairro: escolas, PSF e equipe volante;

As esperanças e os sonhos para o futuro.

Adiante!

## 1. METODOLOGIA

Como indicado na Introdução, a principal técnica de pesquisa utilizada para esse trabalho foram as entrevistas, mas contou também com alguma pesquisa bibliográfica.

As entrevistas são amplamente utilizadas na pesquisa social e bastante eficientes para obter dados acerca do que as pessoas sabem, experienciaram, acreditam, esperam, pensam ou sentem sobre o tema abordado. Além disso, as entrevistas permitem que o entrevistador se adapte aos entrevistados, podendo aprofundar questões, elaborar perguntas que ainda não tinham sido pensadas, adequar o próprio ritmo e ler as

expressões e o tom de voz de quem está sendo entrevistado. É possível ver se a pessoa chora, se sorri ou se faz uma careta. Também é uma técnica relativamente barata que demanda apenas um dispositivo para que as entrevistas possam ser gravadas e um lugar adequado, preferencialmente sem grande barulho externo.

A entrevista, por óbvio, também apresenta seus desafios: as pessoas podem ter lembranças turvas ou incertas, podem mentir, podem omitir detalhes que as embaracem, podem se sentir tentadas a contar os fatos a partir daquilo que acreditam ser a coisa certa a dizer ou daquilo que irá agradar o entrevistador. Há muitos motivadores externos que podem influenciar as falas. Nesse sentido, importa entendermos que cada relato parte de um lugar, de uma visão de mundo, de uma perspectiva diferente. Mesmo assim, todos esses dificultadores podem ser minimizados a partir das relações estabelecidas pelos presentes. Cabe a quem está entrevistando mediar o processo de modo a garantir a maior segurança e naturalidade possíveis para que o entrevistado se sinta a vontade para falar.

Há uma variedade de modelos de entrevistas, porque se trata de uma técnica flexível. Aqui, pretendia-se que elas fossem do tipo semi-estruturadas, ou seja, que fossem feitas a partir de um grupo de questões pré estabelecidas, parcialmente diretivas e focadas nas questões centrais do objeto de interesse, mas que ao mesmo tempo mantivessem a possibilidade de respostas “abertas”, que geram novos percursos quando necessário.

Ocorre que, inicialmente, eu estive nervosa e talvez despreparada para as primeiras entrevistas. Isso porque todas as pessoas que eu entrevistei sabiam sobre o assunto muito mais do que eu, dominavam um tema e uma situação para os quais eu tinha acabado de ser apresentada. Estive insegura e intimidada diante do saber dos entrevistados. Isso fez com que as entrevistas se tornassem, em alguns momentos, um pouco mais informais, de caráter mais exploratório, uma investigação mais experimental. Mas a verdade é que as entrevistas foram marcadas por uma entrega total dos profissionais. Houve uma generosidade genuína dos meus colegas de trabalho que se disponibilizaram a responder tudo que era perguntado com franqueza e riqueza de detalhes. Mais do que generosidade, houve um apoio explícito por parte dos envolvidos e esse apoio se materializou de várias formas: os entrevistados indicavam outras pessoas para serem entrevistadas, mandavam fotos de atividades ou encontros, mandavam atas de reuniões, entre tantas outras coisas. Ou seja, o envolvimento e a entrega dos profissionais que atuam em Anhumas se estendeu para esse trabalho e deixou claro que o projeto era aprovado e desejado por eles também, o que, por um lado, facilita a produção de dados e, por outro, aumenta a responsabilidade e a auto cobrança.

Assim, foram os próprios entrevistados que criaram uma atmosfera favorável e receptiva e, mesmo com minhas dificuldades iniciais, foi possível manter um padrão de perguntas básicas e seguir a maior parte do roteiro elaborado, o que facilitou o tratamento dos dados.

Sobre essa questão em específico, como explicado anteriormente, o objetivo inicial e principal dessa pesquisa é a produção de um “Memorial de Anhumas” que vai contar sobre percursos e acontecimentos que tornaram possível a realização de uma “força-tarefa” entre redes no bairro de Anhumas, levando para o local, profissionais, serviços e projetos.

Os resultados serão apresentados como uma espécie de diagnóstico qualitativo das atuações em Anhumas e esse diagnóstico será elaborado a partir daquilo que mais se repete na narrativa dos entrevistados. Como dito anteriormente, havia perguntas básicas que orientaram um roteiro mínimo. A partir desse roteiro as entrevistas eram semi diretivas e trouxeram dados comuns e entendimentos partilhados. São esses entendimentos partilhados e essas repetições de dados que tentaremos expor aqui como norteadores da apresentação desse relatório.

Analisar as narrativas e os temas levantados nas entrevistas é um ponto central de atenção para a produção de dados qualitativos e resultados que sejam tanto relevantes enquanto material de pesquisa, como confiáveis em termos do rigor dessas análises. Ambos objetivos trabalhosos e essenciais a serem atingidos.

Além disso, utilizaremos também alguma pesquisa bibliográfica. Embora bastante enxuta, nos auxiliará a incorporar ao presente relatório um arcabouço e referenciais teóricos fundamentais para que a interpretação dos dados possa contar com uma dimensão relacional com outros conhecimentos obtidos e, especialmente, com outras produções tanto acadêmicas quanto no âmbito profissional da Assistência Social.

**TABELA DAS ENTREVISTAS**

<b>NOME</b>	<b>CARGO ATUAL</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>DATA DA ENTREVISTA</b>	<b>LOCAL DA ENTREVISTA</b>	<b>TEMPO DE DURAÇÃO</b>
Vânia Santin	Coordenadora no Cesac		17/11/23	Sede do Cesac	33'2
Savana Marilu Fernandes	Coordenadora na SMADS	Assistente Social	22/11/23	SMADS	30'2
Pedro Henrique e Beatriz	Monitores Cante, Dance, Encante	Artes	14/12/23	Sede do Cesac	51'5
Bruna S. Paiuta	Coordenadora na SMADS	Assistente Social	03/01/24	SMADS	44'1
Ana Carolina	Terapeuta Ocupacional	Terapia Ocupacional	03/01/24	CEREST	51'2
Vilmarina Soares de Aguiar	Técnica da equipe volante	Assistente Social	11/01/24	Sede do Cesac	50'1
Mariana S. Garcia	Técnica da equipe volante	Psicóloga	11/01/24	Sede do Cesac	50'1
Sheila C. F. de Matos Hussar	Diretora de Escola		31/01/24	Escola Estadual Felipe Cardoso	49'5
Marcos Antonio dos reis	Coordenador de Gestão Pedagógica		31/01/24	Escola Estadual Felipe Cardoso	49'5
Carolina Giacomini	Coordenadora na SMADS	Psicóloga	05/03/24	EPSEMC Centro	21'22
Tércio P. Aguiar	Enfermeiro	Enfermagem	25/03/24	PSF Anhumas	51'3
Adelaide	Agente de Saúde		25/03/24	PSF Anhumas	51'3

## **2. Começos! Vários começos!**

Onde as coisas começam? É quando você decide ir a algum lugar? É quando você conhece alguém?

Se você tiver de contar uma passagem da sua vida, em que ponto ela para de andar para trás?

Agora, imagine contar a história de um grupo de pessoas! Mais especificamente de um grupo de trabalhadores cujos caminhos profissionais, as atuações e as esperanças se imbricaram numa teia complexa e potente de relações.

Resgatar a trajetória de formação e atuação da rede intersectorial que trabalha no bairro de Anhumas é se dispor a tentar ler um emaranhado que não se situa a partir de uma linha reta com começo, meio e fim, senão a partir de um conjunto de fatos, vontades, ações, estratégias, realizações e (talvez) acasos que se embaralham, se constroem, se diluem e se constituem como que espalhados em diversos tempos e espaços.

Ao realizar as entrevistas com os profissionais envolvidos nessa teia de relações, notamos que cada profissional estabelece um ponto de partida diferente. Dependendo do lugar onde atua, da forma como atua ou do serviço que oferta, a percepção dos trabalhadores sobre onde essa história começa, se modifica e adquire diferentes contornos. Houve entrevistados que citaram atividades do período da pandemia como ponto de partida para o fortalecimento das relações, houve quem citasse atividades presenciais sobre trabalho infantil, ou as reuniões da COMPETI. Pontos distintos, porém relacionados e intercambiados.

Há um elo comum, entretanto, que se estabelece a partir dos esforços para prevenir e combater trabalho infantil e que levaram as diversas pastas do município a se inter-relacionarem para atuarem naquele bairro. Esse tópico terá um capítulo só pra si.

Então, quem se aventuraria a narrar essa jornada de forma linear? Qual a possibilidade de definir um começo, um meio e um fim? Como transcrever o dia exato em que cada situação ocorreu e o que sucedeu depois?

Por óbvio, aqui, não haverá a construção dessa linearidade. Não há a menor possibilidade de construir um relato desembaraçado. É um texto sobre um grupo de pessoas que desejaram desenvolver estratégias, ações, serviços e programas para os moradores de Anhumas e que foram realizando seus projetos ora com o outro, ora depois do outro, ora com mais agentes, ora sozinho, de forma mais ou menos dependente, ora contando com recursos e parcerias, ora dependendo de criatividade e jogo de cintura.

É dentro dessa centrífuga que a gente está tentando mergulhar.

Vamos ao mergulho!

### 3. Anhumas

*A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra,  
vivendo numa abstração civilizatória, é absurda.  
Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das  
formas de vida, de existência e de  
hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se  
possível,  
a mesma língua para todo mundo.  
(Ideias para adiar o fim do mundo, Ailton Krenak)*

Conforme consta no Plano Diretor de 2006, cuja última revisão se deu em 2019, Anhumas está situada a 33 km. do centro da cidade de Piracicaba, na área compreendida como rural e pertence ao distrito de Ibitiruna. “Tal divisão de urbano e rural, (...) é o primeiro nível de divisão espacial do Plano Diretor (...)” (PLANO DIRETOR, 2019).

Além disso, conforme consta no mesmo documento, é apresentada como “zona especial de urbanização específica” e pertence a uma região que se caracteriza por aquilo que chamamos de abairramento rural e, assim, designada como Núcleo Urbano Isolado (NUI – 01). Na prática é um bairro que possui uma área rural e uma parte urbanizada, embora esteja numa macro região considerada rural e assim seja compreendida pelos moradores e pelos serviços públicos.

Todas essas designações, nomenclaturas e conceitos carregam suas imprecisões. Há um longo debate sobre o que caracteriza uma e outra área, quais elementos que as transformam, significam e ressignificam. Essas definições e conceitos vão sendo formulados e repensados ao longo dos anos e ajudam os municípios a nortear o regramento e as legislações pertinentes ao seu espaço, como cobrança de impostos, incentivos fiscais e investimentos.

Para além das questões práticas e burocráticas, diferentes espaços e tempos constroem noções de pertencimento, modos de vida, experiências e vivências únicas que não podem ser “encaixotadas” em definições engessadas e compreensões criadas de modo vertical, antidemocráticas e, conseqüentemente, arbitrárias.

Sobre isso, a *Nota Técnica 03 2017/DRSP/SNAS/MDS* contribui com a seguinte reflexão: “Para efeito de orientação das políticas públicas de promoção do desenvolvimento rural faltam elementos que melhor caracterizem esse meio. O IBGE leva em consideração apenas a divisão do território brasileiro entre urbano e rural”. E essa divisão é feita de forma autônoma por legislações municipais. Além disso, o documento ainda aponta: “A introdução de outras variáveis decorrentes das mudanças econômicas e sociais no campo demonstra que se torna cada vez mais difícil o uso do conceito isolado de urbano em oposição ao rural para traçar os limites entre as cidades e as vilas; os pequenos agrupamentos de produtores que habitam as periferias das cidades e os seus limites.”

Uma das perguntas bases das entrevistas era se os profissionais identificavam especificidades pelo fato de Anhumas ser um bairro da região rural. E aqui apareceu uma variedade de respostas anunciando diferentes percepções sobre o tema. Pedro Henrique, por exemplo, traz uma reflexão sobre os estigmas acerca do que é rural e o que é urbano e sobre o fato de que, para ele, a situação de Anhumas se assemelha a de regiões periféricas das cidades:

**Pedro Henrique:** (...) primeiro que é complexo, assim, né a gente imaginar o que é uma zona rural. A gente tem aquela imagem da roça mesmo, e aí aquela coisa do sotaque do porta, porteira, portão (...) conheço idosos da região de Anhumas que tem esse estigma, mora em sítio, etc (...) muitos deles, por mais que mora em sítio, mas vive uma situação... do que a gente observa nas regiões periféricas de falta de oportunidade, muitas vezes não ter saneamento básico (...)

Aquilo que foi posto pela Nota Técnica 03 acima mencionada se apresenta na fala do monitor Pedro Henrique, pois reflete sobre a dificuldade de se definir sobre o que conceitua o rural e o urbano e, principalmente, sobre nossas ideias preestabelecidas acerca do que caracteriza um e outro modos de vida.

Não bastasse a dificuldade em definir o que conceitua e caracteriza as zonas rurais, a maior parte dos profissionais que atuam nessas localidades estão sob o regime de políticas públicas que são pensadas, formuladas e programadas a partir de características sociais, culturais e econômicas e das demandas presentes em contextos urbanos, fazendo com que o conhecimento e a atuação desses profissionais estejam perpassados por realidades e experiências distintas daquelas com as quais têm que trabalhar. Assim vemos no *Informe Final de Cuidados Rurales*: “se destaca el hecho de que los servicios sociales de apoyo a las personas en situación de dependencia son principalmente pensados desde criterios demográficos, primando un modelo urbano que no responde a las necesidades de la población que vive en zonas rurales (Leavy, 2019; Osorio et al., 2022).”

Seguindo com as falas dos entrevistados, para a profissional Vilmarina, uma especificidade da região é o fato de que as famílias estão nas casas a muitas gerações, havendo essa relação longitudinal das famílias com suas moradias. Também destaca outras características relativas à questão habitacional:

**Vilmarina:** (...) lá, a questão, tem muitos moradores lá, dessa região, que eles vivem ali e essa vivência deles, elas tem se prolongado de uma forma geracional, nós temos alguns sobrenomes lá que predominam muito, né, tipo assim, são os avós que moram lá, os bisavós moraram lá, aí é o filho que mora, tem neto morando... É algo específico de Anhumas, por exemplo, algo que nós não sabíamos, né? Dessa questão geracional, né? Que habitam lá pessoas que tem muito tempo e elas não querem se mudar, então elas criaram laço muito grande ali em Anhumas (...) muitas famílias residem ali a muito, a décadas na verdade (...) eles tomam a sequência, assim, do trabalho na zona rural. Mas algo também que eu percebo, a gente percebe que é específico é o aluguel mais em conta que tem naquela região, que as pessoas procuram, porque muitas vezes elas não conseguem alugar uma casa em outros bairros por conta do valor, elas acabam aderindo a essa questão do aluguel mais em conta (...)

Na fala da assistente social, as especificidades rurais são notadas na relação dos habitantes com suas moradias: por um lado, moradores que residem ali porque nutrem a sensação de pertencimento, que criaram “laços muito grandes”. Por outro lado, pessoas que são empurradas para o espaço por conta de ser uma localidade mais barata. Experiências opostas que revelam diferentes realidades convergindo num mesmo espaço.

Outra especificidade da região é a relação dos adultos e das crianças com os animais, só que no âmbito do trabalho rural. Aparece para a assistência social relatos de situações em que trabalhadores rurais se viram diante da obrigatoriedade de ter de matar animais sem, no entanto, querer fazer isso.

Aqui nos deparamos com um tipo de violência com o qual não estamos acostumados. São violações que ocorrem a partir da interação do homem com os animais num ambiente que envolve o trabalho rural. Trata-se de uma violência que obriga a pessoa a cometer um ato que para ela é uma violência em si.

Veremos mais sobre as particularidades do trabalho rural, especialmente do trabalho infantil, no capítulo 7, que tratará do tema. E no capítulo 4 retomaremos o tema da questão rural, mas a partir de uma outra perspectiva que é a da distância da região com a cidade e de como essa distância, somada a falta de transporte público de qualidade, resulta em algum tipo de falta de acesso. Mas antes disso, no capítulo 3, veremos as muitas potencialidades que apareceram nas falas dos profissionais.

#### **4. Tem! Há! Existe! Tá Lá!**

Todos nós sabemos que é para ver as potências, certo? Porque a gente fala bastante sobre o que não tem, mas e sobre o que está lá? E sobre as presenças?

Há presenças e potencialidades que são percebidas pelos nossos profissionais e apresentadas de forma bastante claras. Isso pode significar que essas qualidades pulsam na mesma frequência que as faltas. Não é só o espaço carente que grita, que mostra suas vértices. Também há o grito daquilo que se estabelece como importância, como vantagem, como capacidade, oportunidade...

Abaixo, algumas dessas forças que foram sendo apresentadas pelos entrevistados:

- Preservação e reconhecimento da memória de moradores e famílias que fazem parte da construção da história do bairro. Essas memórias vão sendo mantidas, principalmente, através da história oral e passando de geração para geração;
- ⑩ Festas típicas e/ou tradicionais da comunidade;
- ⑩ O PSF tem registro e alcance de quase a totalidade dos moradores;
- O PSF e sua atuação junto à escola pública, através do Programa “Saúde na escola”;
- ⑩ Escola de período integral;
- Aumento do número de adesões e frequências ao PAIF, através do trabalho in loco da equipe volante da assistência social;
- Ampliação do fortalecimento de vínculos entre moradores e profissionais. Alguns entrevistados citaram que esse fortalecimento é fruto do estabelecimento de relações de confiança mais bem solidificadas;
- ⑩ Espaços e paisagens naturais e maior arborização;
- ⑩ Moradias mais baratas;

⑩ Acesso a alimentos orgânicos plantados in loco pelos próprios moradores.

É importante notar que cada uma dessas potencialidades foi sendo identificada por diferentes profissionais a partir de diferentes perspectivas. Vemos aí a importância das equipes de trabalho trocarem informações, inclusive, para compartilharem essas percepções sobre o que é força e potência no território onde atuam. Isso propicia uma visão mais ampla e mais bem estruturada sobre o todo.

Sob a influência e com o domínio dessas informações, as equipes de trabalho podem usufruir de cada uma dessas potências para articularem suas atividades e estratégias. Aqui importa que os agentes públicos que atuam no bairro empoderem os usuários e moradores sobre esses aspectos positivos, de modo que eles gerem engajamento e fortalecimento da população enquanto comunidade.

Nesse sentido, o ideal de “gestão do território” perpassa, obrigatoriamente, pelo reconhecimento de cada uma dessas potências e de como elas podem ser exploradas e ainda mais potencializadas.

## 5. “Aqui não tem nada!” As muitas percepções sobre as ausências.

Em todas as entrevistas realizadas aparecem falas que enfatizam o fato de que Anhumas sofre algum tipo de falta de acesso. Embora posto dessa forma possa parecer algo muito genérico e até aleatório (para usar uma palavra da moda), ao analisarmos as entrevistas vemos que há uma noção central que permeia esse entendimento: é sobre o não ter. É salientar sobre o fato de que faltam coisas consideradas elementares.

O que nos trazem nossos entrevistados quando ressaltam essas ausências é o fato de que a distância de Anhumas em relação ao Centro Administrativo de Piracicaba, priva.

Conforme depoimento da monitora Beatriz, não são só os profissionais que têm essa percepção, mas os próprios adolescentes com quem ela trabalhou: “(...) uma frase constante do vocabulário deles é: ‘Aqui não tem nada, aqui não tem nada’ eles sempre falam isso”, relata Beatriz.

No entanto, importa ressaltar que a falta de serviços, tanto públicos quanto privados, bem como a escassez de transporte é uma característica comum de áreas urbanas que aparece em vários diferentes estudos e pesquisas como veremos um pouco mais adiante, ao final do capítulo.

Sobre essa falta de acessos, aparecem em especial:

- Falta de acesso à cultura (aqui compreendida como um conjunto de ações, aparelhos e eventos artísticos) e lazer;
- Falta de diagnóstico para reconhecimento do território;
- Falta de acesso à saúde de média e alta complexidade e
- Falta de transporte público.

Sobre o primeiro tópico acima mencionado, é fato que os moradores não tem acesso facilitado a equipamentos de cultura e lazer, tais como: cinemas, museus, salas de shows e teatro, unidades do Sistema S, bem como demais eventos e atrações que são disponibilizados nas regiões do Engenho Central ou no Largo dos Pescadores, por exemplo.

Na direção de relacionar a falta de acessos com outros problemas socioculturais, é muito comum ver a associação da ausência de atividades e aparelhos de cultura e lazer com o uso abusivo de álcool e drogas. A ideia é que essa falta de opções para se divertir e ampliar repertórios leve ao uso de drogas (lícitas ou não) como forma de suprir essas ausências e necessidades, uma vez que o único passeio que existe para fazerem aos fins de semana é frequentar os bares onde consomem os chamados “Copão”, uma mistura de energéticos e bebidas alcoólicas.

Conforme vimos durante a construção de um mapa afetivo com os profissionais de Anhumas (ocorrido em 25/04/2024, cuja imagem vemos abaixo), até mesmo os espaços de lazer de caráter comercial são escassos e insuficientes. Ou seja, nem o comércio oferece muitas opções.



Motivada por essa realidade é que Vânia desenvolve o projeto *Cante, Dance, Encante*, cujo objetivo era levar para os jovens do bairro atividades relacionadas a música e à dança. No entanto, a maior barreira enfrentada para realização do projeto e para o cumprimento de sua meta foi a falta de transporte público. Isso porque o projeto era realizado aos sábados dentro da escola, o que possibilitou que os alunos do entorno conseguissem participar. Mas, para ela e para os monitores, o fato do bairro não ter transporte público circulando por seu interior impediu que alunos que vivem em locais mais afastados da escola, que vivem ainda mais interiorizados, pudessem acessar a escola para participar da atividade.

A questão da falta de transporte público aparece bastante, e sempre como um dificultador. Em alguns casos a ausência de linhas de ônibus circulando pelo interior do bairro, inclusive em seus pontos mais longínquos, torna determinados acessos e determinadas rotinas impossíveis para parte da população do bairro.

A coordenadora Bruna também ressalta as dificuldades que a população do bairro enfrenta para acessar até aquilo que está dentro do próprio território, chamando a atenção para o fato de que é uma área muito extensa. Esse é outro dado recorrente que aparece nas falas dos entrevistados: o entendimento que em bairros rurais grandes como o de Anhumas, existem diferentes níveis de “falta de acesso”, havendo aquelas pessoas e famílias que estão ainda mais distantes e isoladas, onde os serviços podem não chegar. Para Bruna, a falta de transporte público dificultou a participação de moradores nos serviços de convivência e nas atividades temáticas realizadas na região urbanizada e central do bairro, espaço onde ficam concentrados os serviços públicos. Já a assistente social, Vilmarina, destaca que além de pouca oferta, a linha disponível é demorada e cara.

Além das já mencionadas faltas de transportes públicos e de aparelhos e atividades de lazer e cultura, outra demanda gigantesca que aparece nas falas dos entrevistados são as relativas à saúde. Existe um entendimento generalizado de que as necessidades dos moradores por socorro emergencial e atendimento médico são ou demorados, ou insuficientes, ou precarizados.

Há uma série de questões a serem pensadas sobre isso. Anhumas conta com menos de 2.000 habitantes. Levar serviços da média e alta complexidade simplesmente não se justifica, em termos de demanda numérica. Nesse sentido, os moradores do bairro que precisam de atendimento especializado ou de urgência têm de acessar os serviços que estão presentes na área urbana da cidade. No caso de Anhumas, como veremos adiante, o bairro conta com um PSF. Porém, devido a distância e as limitações já existentes e inerentes à própria política de saúde, o atendimento dessas regiões rurais fica extremamente prejudicado. Aparecem questões como: e se alguém tiver um infarto? E se uma criança fizer um corte profundo no pé? Quanto um morador precisa gastar de tempo e de dinheiro para realizar exames preventivos? Qual noção de justiça estabelecemos quando um morador está a 10 minutos de uma unidade de pronto atendimento e outro está a 1 hora e depende de transportes demorados para levá-lo, tornando esse tempo completamente imprevisível?

Podemos notar diferentes perspectivas sobre o mesmo assunto. Alguns entrevistados dão ênfase para a demora que é acessar os serviços de emergência, outros falam sobre a dificuldade para acessar saúde especializada e o PSF tem de suprir a demanda da população por serviços de saúde, impossibilitando que se

desenvolvam plenamente trabalhos com foco na prevenção. Mas essas diferentes perspectivas marcam o mesmo ponto comum: demandas de saúde que não são atendidas ou que demoram muito para ser. Nesse sentido, a demanda mais urgente que aparece é pela existência de uma ambulância fixa no bairro que, conforme histórias anteriores, Anhumas já teve.

Por fim, é importante ressaltar que a saúde básica leva uma profissional de terapia ocupacional para o interior da escola para que ela possa desenvolver trabalhos referentes a uma das principais demandas que foram surgindo nas reuniões tanto da Competi, como aquelas que vão sendo provocadas ao longo dos debates: demanda por diagnósticos. Ana deixa bem claro que seu trabalho dentro da escola é para entender as demandas reais tanto de trabalho infantil, como de transtornos mentais. Falaremos mais detalhadamente sobre o assunto em outro capítulo.

A ausência de diagnósticos também é pontuada por Bruna, que relata que a falta deles impossibilita a reivindicação e a justificativa para mais serviços, mais profissionais, mais verbas, etc. Ressalta a importância dos registros, do estabelecimento de fluxos e dos encaminhamentos acontecerem para que possamos produzir dados.

Até porque, a produção de dados exige registros, pesquisas, tratamento... Não é algo simples. Demanda a aplicação de metodologias e técnicas adequadas para cada necessidade em específico.

Vânia também é outra profissional que engrossa o couro acerca da relevância de se produzir diagnósticos. Aponta que para o desenvolvimento de futuros projetos em Anhumas, é fundamental a realização de um diagnóstico que ouça os jovens e as famílias sobre o que eles querem como atividade e sobre quais as possibilidades ou dificuldades que enfrentam para acessar os equipamentos.

Esses relatos sobre a falta de acesso e de mobilidade reforça o que expressa Dirce Koga em seu livro *Medidas de cidades, entre territórios de vida e territórios vividos*: “É no território que as desigualdades sociais tornam-se evidentes entre os cidadãos, as condições de vida entre moradores de uma mesma cidade mostram-se diferenciadas, a presença/ausência de serviços públicos se faz sentir e a qualidade destes mesmos serviços apresentam-se desiguais” (pg. 33)

O que destacamos desse trecho é o fato de que, para a assistente social Dirce Koga, não se trata apenas das ausências dos serviços, mas também da diferença de qualidade entre o que é ofertado. Na realidade rural esse tipo de diferenciação se dá, como vimos anteriormente, também pela falta de conhecimento e aprofundamento sobre as particularidades rurais e porque as políticas públicas são pensadas e executadas a partir das experiências e das realidades urbanas.

No entanto, importa ressaltar que a falta de serviços e comércios em regiões rurais é um dado típico e recorrente nos mais diversos contextos rurais em toda a América Latina, como podemos notar no informe *Estado del Arte sobre Cuidados em Contextos de Ruralidad em América Latina e El Caribe*: “Una de las especificidades de las áreas rurales es la débil cobertura pública y privada de servicios (financieros, socio-sanitarios, educativos, de ocio y esparcimiento, de cuidados) y los limitados recursos de infraestructura adecuada con que cuentan. Factores como la dispersión geográfica, la estructura demográfica y las dificultades de accesibilidad actúan como limitantes para la instalación de servicios en estos territorios. Particularmente, la oferta de servicios estatales y privados de provisión de cuidado es muy limitada.” (pg.04)

Nota-se que, apesar da importância e da relevância de conhecermos as especificidades de cada bairro, sempre há aquilo que é comum a todos e que pode ser entendido na sua dimensão mais global. Isso facilita parte do processo de conhecimento e reconhecimento dos espaços estudados: distinguir aquilo que os particulariza daquilo que compartilham como dado comum. Até porque, aquilo que é recorrente e se repete, gera soluções, práticas e mecanismos adaptativos que também podem ser partilhados e coletivizados como possíveis resposta e estratégias.

## 6. A COMPETI

Como vimos anteriormente, uma demanda comum que surge e que é pontuada na maioria das entrevistas e que se apresenta como ponto de partida e provocadora de ações e estratégias desenvolvidas e pensadas para Anhumas é a questão do trabalho infantil.

Antes de falarmos das especificidades do bairro é importante contextualizar a atuação e o histórico do município em relação ao combate e a prevenção do trabalho infantil e adolescente irregular.

Em 2002 o município de Piracicaba adere ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Essa adesão impulsiona conquistas importantes, entre elas a criação do Centro de Atendimento Socioeducativo

(CASE) e em 2011 a criação da Comissão de Prevenção e Erradicação do Trabalho infantil e Trabalho Adolescente irregular, a COMPETI, que foi regulamentada em 07 de agosto de 2020. É uma comissão intersectorial de controle social, articulada com o CMDCA, que tem dentre as suas atribuições o acompanhamento, controle e avaliação de políticas públicas, com ênfase às diretrizes aos agravos físicos e mentais advindos das relações de trabalho. É para o interior da COMPETI que questões relativas ao trabalho Infantil são levadas e debatidas.

Em um contexto de pandemia e de ações desenvolvidas online, conforme as relações entre os diferentes serviços das diferentes pastas (especialmente entre as escolas públicas do bairro e o CRAS de referência) vão se fortalecendo e se solidificando, sinais de trabalho infantil no bairro vão sendo detectados e se tornam objeto de atenção e cuidados. Aqui importa destacar os esforços desses diferentes profissionais por buscarem soluções e respostas para os problemas e demandas que surgem. Essas buscas desembocam, justamente, nas reuniões da COMPETI. É dali que irradiam muitas das propostas e estratégias levadas para Anhumas como, por exemplo, uma visita técnica do CEREST à escola estadual, justamente para debater com os profissionais da escola a questão do trabalho infantil. Para a diretora da escola, Sheila, essa visita representou um marco para todas as demais ações e estratégias que foram sendo propostas e realizadas.

Uma das medidas mais importantes, cujos impactos foram amplamente sentidos pelos profissionais da escola é a chegada de uma terapeuta ocupacional que representa a Atenção Básica de Saúde. A Ana é levada para atuar no interior da escola estadual, uma vez por semana, com o intuito de levantar dados e realizar diagnóstico preliminar sobre trabalho infantil e saúde mental em relação aos adolescentes.

Embora sua designação tenha sido para atuar como uma espécie de pesquisadora, fica claro que sua presença teve um efeito prático e positivo sobre as relações estabelecidas. Para além do levantamento de dados, a profissional se estabeleceu naquele espaço como uma figura de confiança para os alunos, uma pessoa com quem podiam e queriam compartilhar suas vivências e suas angústias. Nesse sentido a profissional se pronuncia como um elo para o fortalecimento de vínculos dos alunos e dos professores com a escola.

Além disso, as reuniões da COMPETI servem para que, através de informes e atualizações, os diversos profissionais envolvidos no combate e na prevenção ao trabalho infantil, acompanhem e monitorem as estratégias que estão sendo desenvolvidas e os resultados obtidos. É na partilha das experiências que constituímos um importante ciclo de estruturação, monitoramento, avaliação e reestruturação das ações e estratégias praticadas no bairro.

É de extrema importância entender, pesquisar e divulgar essas histórias para que os servidores públicos dimensionem a importância e a relevância que esses espaços de controle social têm sobre o conjunto de nossas ações e atuações. Espaços de debates, decisões e encaminhamentos coletivos e intersectoriais como a COMPETI são um campo estratégico de fundamental importância para subsidiar nosso trabalho e que podem impactar de forma profunda e significativa a vida dos usuários e dos serviços que chegam até eles.

A COMPETI registra outras conquistas. Especialmente como fomentadora da rede Intersetorial de Anhumas que reuni profissionais de diversas pastas e que atuam no bairro. Essa rede propicia a troca de experiências e de conhecimentos e é a partir dessas trocas que as estratégias e ações vão sendo construídas e avaliadas. É na construção dessa práxis que as esperanças, os sonhos e os saberes vão se irradiando para o cotidiano dos servidores.

Vamos conhecer melhor essa rede no próximo capítulo.

## **7. A Rede Inter.**

Como vimos, um dos resultados concretos que emerge das reuniões da COMPETI é a formação da chamada Rede Inter de Anhumas. O debate extrapola a própria COMPETI e forja uma rede intersectorial, composta por profissionais das pastas da saúde, educação e da assistência social que se reúnem bimestralmente.

Ficou claro, pelas entrevistas, que a formação dessa rede foi crucial para que os serviços se “apresentassem” e para que os profissionais das diferentes pastas pudessem conhecer mais e melhor o trabalho, atuação, atribuição, capacidades e condições uns dos outros.

Quem explicita isso muito bem é a atual coordenadora do CRAS Novo Horizonte, Bruna Secafem Paiuta, que relatou: “(...) esse ano (2023) o objetivo da rede ele foi mais no sentido de aproximação das políticas e de fortalecer esse trabalho. Porque o que a gente percebeu? Não adianta a gente só ficar levando as demandas

para o poder público e não ter dados. E não conhecer a política do outro. Então primeiro a gente precisa ter um trabalho fortalecido entre a gente, entre as políticas públicas (...). E continua: "(...) de fato eu acho que esse objetivo a gente atingiu, a gente se aproximou muito, as políticas de saúde, educação e assistência, a gente fortaleceu muito esse trabalho da rede até pra gente poder avançar."

É nesse trabalho de conhecer o outro que a gente reconhece a si mesmo como parte. E que parte eu sou? Qual a parte que me cabe nesse latifúndio? O que posso só e o que posso com eles? Diminui-se a incompletude. Diminui-se, acima de tudo, a sensação de estar sozinho na luta. Outros estão comprando sua briga. Seu corpo não vai sozinho. Diante dessas novas configurações de conhecimentos e saberes, desenvolvem-se metodologias mais completas e mais complexas. Essas novas formas de trabalhar e organizar as ações se apresentam com muito mais potência e sob as raízes da solidariedade entre os profissionais.

Assim, o ano de 2023 é marcado por várias conquistas, sendo a formação dessa rede uma das mais significativas. É a construção dessa rede e sua solidez que provoca e fomenta as demais conquistas. É através dela e de suas reuniões que os profissionais que atuam no bairro fortalecem suas atuações e suas percepções acerca da realidade vivida e vão efetivando uma série de estratégias e ações.

## 8. A questão do trabalho infantil e nossos nós.

*(...) Num mundo de pólvora e sangue inventávamos  
silenciosas brincadeiras. Naquele noturno esconderijo  
aprendi a rir pra dentro, a gritar sem voz, a sonhar sem sonho. (...)  
(A confissão da Leoa, Mia Couto)*

Como vimos anteriormente, o entrelaçamento dos serviços e os diferentes pontos de partida levantados nas entrevistas têm em comum a questão do trabalho infantil.

Conforme legislação brasileira, trabalho é proibido até os 13 anos, de 14 a 16 admite-se na condição de aprendiz e entre 16 e 17 permitido com restrições, conforme uma série de legislações e estatutos em vigor.

Mas, o que conceitua trabalho infantil? Existem limites aceitáveis? É possível relativizar? Qual deve ser a metodologia de intervenção? O que temos para oferecer "em troca"?

Por óbvio que não há consenso. Nem em relação ao conceito, nem em relação a metodologias de trabalho que devem ser adotadas para o enfrentamento e combate ao trabalho infantil. Até mesmo serviços já bastante solidificados, como os de socioaprendizagem, carregam suas contradições e insuficiências de modo que são permanentemente questionados e reavaliados.

Tudo isso é normal que aconteça, especialmente porque há diferentes realidades que permeiam as formas de trabalho infantil e diferentes contextos que a engendram e sustentam. Essas diferenças exigem um maior grau de complexidade para lidarmos com os casos porque cada situação demanda estratégias e atuações particulares.

Nossas visões se transformam a partir do contexto em que a criança ou o adolescente estão inseridos, bem como as experimentações de cada profissional e/ou de cada serviço. Mas o que isso quer dizer na prática? Na prática temos um nó pra tentar desatar. É importante que os profissionais que lidam com a questão do trabalho infantil estabeleçam padrões para a compreensão e atuação frente ao imenso desafio que o tema representa, ainda que seja fundamental pensar o problema referenciando o contexto em que a criança está inserida.

É importante frisar que há estudos mostrando que em contextos rurais trabalhos produtivos se confundem e se embaralham com trabalhos domésticos e reprodutivos: "En particular en las producciones agrarias familiares y campesinas, no es posible diferenciar claramente los procesos productivos y reproductivos, por lo cual se requiere una mirada analítica que permita abordar las múltiples interdependencias entre estos dos ámbitos (...)" (Estado Del Arte sobre Cuidados em Contextos de Ruralidad em América latina e el Caribe pg.8)

Ora, sabemos que os trabalhos domésticos, de cuidados e não remunerados costumam ser ainda mais invisibilizados e desprestigiados. O trabalho infantil doméstico é dos mais difíceis de ser caracterizado porque pode se confundir com um processo natural de ajuda dos afazeres domésticos. No caso das realidades rurais, o trabalho produtivo também pode ocorrer no âmbito doméstico, também pode ser um trabalho não remunerado e também acaba por ser invisibilizado. Nos deparamos com uma dupla dificuldade: por um lado definir o limite entre o que significa "ajudar" nas tarefas domésticas e o que caracteriza trabalho irregular e prejudicial para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Por outro lado, precisamos entender esses

contornos a mais que o cotidiano rural nos impõe quando assume tarefas produtivas imbricadas com as tarefas cotidianas do cuidado e da reprodução da vida.

Sobre Anhumas, durante as entrevistas surgem inúmeros relatos que fazem os diversos tipos de trabalho infantil emergirem. Há relatos sobre jovens que não compareceram a atividades porque tinham compromissos com tarefas domésticas e de cuidado, relato de jovens que trabalhavam no âmbito doméstico em atividades rurais e carregam traumas por terem de participar da matança de animais e relatos de atividades sazonais relacionados ao trabalho no setor agropecuário. Então é claro para o grupo de profissionais que há a presença do trabalho infantil e adolescente irregular em suas variadas formas.

Um ponto de discordância entre os profissionais é em relação a leitura e nossos entendimentos acerca do Diagnóstico de Trabalho Infantil do município, realizado em 2023, e que abordou crianças e adolescentes de escola públicas. A divergência é, basicamente, em relação a interpretação sobre a quantidade de trabalho infantil que aparece na pesquisa, referente à escola estadual. Conforme o diagnóstico, 8 crianças alegaram estar em situação de trabalho infantil, o que, percentualmente, representa 0,47%. Em termos relativos, a escola aparece com baixo índice de trabalho infantil. Porém, quando pensamos em números absolutos, 8 casos autodeclarados são bastante significativos.

O tema do trabalho infantil, bem como sua conceituação, não se esgota em uma reunião, uma atividade ou em atividades pontuais. Ele exige uma atitude autovigilante por parte dos trabalhadores, para que não se normalize as atividades irregulares. Precisamos de atuações sistematizadas e recorrentes para que o enfrentamento ao problema seja efetivo. É preciso manter o debate e ampliar nossas compreensões, bem como qualificar nossas metodologias de trabalho.

Além disso, é fundamental que políticas públicas e serviços que auxiliam no enfrentamento ao trabalho infantil sejam fomentadas, tais como: serviços de convivência que cheguem às populações mais afastadas dos centros urbanos; número de vagas de programas como a Frente de Trabalho; vagas para socioaprendizagem que estejam em consonância com o perfil dos atendidos pela assistência social; além de uma formação capaz de desenvolver nossas crianças e adolescentes para uma vida com múltiplos sentidos, onde o trabalho e o consumo não sejam o único valor, mas sim o conjunto de nossas vivências. Desse modo nos tornamos, enquanto sociedade, capazes de respeitar cada etapa da vida e suas especificidades.

## **9. A escola**

Outro dado comum a todas entrevistas é o caráter fundamental que a escola estadual tem nesse processo. Os entrevistados dão destaque para o fato de que a escola está sempre disponível para a realização das atividades, é um espaço acolhedor, receptivo e que ocupa lugar de centralidade na formação da Rede Intersetorial de Anhumas. A escola se configura como a principal provocadora, articuladora e fomentadora dessas ações e estratégias que vão sendo desenvolvidas para Anhumas. Um local de referência para os jovens, para a realização de ações coletivas e mobilizadora de potencialidades.

Isso não ocorre por acaso. As escolas públicas têm enfrentado um cotidiano de violências e agressividades institucionalizadas. É muito comum ver professores, trabalhadores e alunos da educação tendo de conviver com violências cotidianas, brigas, desentendimentos e relações pautadas pela falta de respeito. Essa realidade que permeia as relações dos jovens com os ambientes institucionais desgasta os profissionais, em especial o corpo docente. É diante dessa realidade que a E.E. Felipe Cardoso decidi buscar parcerias e fomenta a participação das outras pastas e de outros serviços.

Nota-se que os profissionais que atuam na escola uma vez por semana, como foi o caso dos monitores do *Cante Dance Encante* Pedro Henrique e Beatriz e da terapeuta ocupacional Ana, não são atingidos por essas violências, não sofrem agressões por parte dos alunos. Pelo contrário, a figura deles é vista como a de pessoas disponíveis para a escuta, profissionais com quem os jovens desejam compartilhar suas experiências, sonhos, anseios... Ou seja, a violência típica dos meios institucionalizados, não se reflete no trabalho pontual daqueles que são vistos como profissionais “de fora”.

Podemos deduzir que o comportamento mais agressivo dos jovens não é um dado essencial deles, mas sim uma forma como eles manejam as relações cotidianas que envolvem hierarquias e comandos. Portanto, o dado nos obriga a pensar como podemos ampliar os repertórios desses jovens de modo a garantir que eles tenham uma maior habilidade para o manejo dessas relações, bem como ajudá-los a desenvolver um programa de ações para a superação das situações de violência.

De qualquer forma, no entendimento da gestão escolar da E.E. Felipe Cardoso, a ida dos profissionais da saúde e da assistência para o interior da escola representou um avanço, dado que esses trabalhadores auxiliaram no estabelecimento de vínculos de confiança e de relações mais afetivas. Esses novos dados podem ajudar no desenvolvimento de uma noção maior de pertencimento e de valorização dos espaços frequentados pelos jovens, conforme notamos com o teor das entrevistas.

Importa ressaltar o quão fundamental foi que a direção e o corpo gestor da escola buscassem ajuda e orientações junto aos demais serviços, bem como a atuação da COMPETI no sentido de promover e articular essas relações. Assim, fomentou-se uma rede de cuidados e de proteção social que chegou até os jovens do bairro de Anhumas.

## **10. O postinho**

O Bairro conta com um único equipamento da saúde que é o Posto do Programa Saúde da Família, o PSF. Por conta disso, como vimos anteriormente, é muito comum que os profissionais que atuam e/ou moram no bairro manifestem preocupação em relação às necessidades e urgências e atendimentos referentes à media complexidade na saúde.

Os próprios profissionais da pasta sabem que garantir esses outros níveis de serviço é um desafio quando se trata de um bairro mais distante e de maior dificuldade para o acesso.

O PSF tem um caráter de atuação mais preventivo, voltado para a promoção da saúde. Mas, conforme nos explica o enfermeiro da unidade, Tércio, há muita demanda por atendimento que ultrapassam os limites da PSF e que, mesmo assim, precisam ser realizados pela equipe para suprir, ainda que minimamente, as demandas da população.

É para o “postinho” que as pessoas vão quando estão doentes, passam mal, se machucam... Como único aparelho de saúde, o PSF acaba aglutinando uma série de responsabilidades e de funções que extrapolam sua própria razão de ser.

O PSF possui cadastramento de toda a população do bairro e, por conta das profissionais que fazem visita domiciliar, conhecem até os moradores mais interiorizados. Isso é uma vantagem importante pois nos garante um dado confiável sobre a quantidade de moradores e alguns dados do perfil deles. Além disso a saúde possui os dados epidemiológicos, que também representam uma potencialidade significativa para o desenvolvimento das políticas públicas e para o mapeamento da região.

## **11. A Equipe Volante**

A equipe volante é um serviço parcerizado e é responsável por realizar o trabalho de proteção básica da assistência social junto aos bairros mais afastados, em especial nas zonas rurais. Leva-se uma dupla de profissionais de nível superior (normalmente uma assistente social e uma psicóloga) para atender in loco.

As trabalhadoras que atuam no bairro de Anhumas atualmente são Vilmarina e Mariana. Elas visitam o bairro uma vez por semana e ocupam a igreja católica da comunidade para realizar os grupos de atendimento, o PAIF.

As técnicas relataram que o número de pessoas atendidas tem aumentado muito. Para elas esse aumento se deve ao fato de que se estabeleceu uma relação de confiança entre elas e os moradores. Essa confiança é fundamental para o estabelecimento de vínculos e de relações mais alongadas.

Aliás a palavra confiança aparece em vários relatos. Há um entendimento mais geral de que é preciso desenvolver essa percepção nos usuários e moradores: a confiança. A partir daí é possível propor e desenvolver as propostas de trabalho e, principalmente, acessar mais fortemente a realidade vivida pelos atendidos.

É na construção desses vínculos e no fortalecimento das relações que a equipe volante passa a conhecer a realidade dos moradores, suas histórias de vida, acessam relatos de traumas e dores acumuladas em silêncio, reconhecem as dificuldades e os anseios que envolvem o cotidiano daquelas pessoas e que, muitas vezes, não são compartilhados com mais ninguém. Aqui, assim como vimos com os estudantes da escola, os adultos também podem ter dificuldades para manejar os próprios sentimentos, seus traumas e suas dores. O trabalho é, fundamentalmente, de escuta e acolhimento.

A equipe volante demonstra muito respeito e gostar de atuar no local. São capazes de identificar as potencialidades do território, apontam várias forças presentes e atuam no sentido de desenvolver essa

valorização de Anhumas junto aos usuários. Para elas, é muito importante ampliar o repertório dos usuários em relação às potências do próprio bairro de modo a fortalecer a autoestima e a noção de pertencimento.

A equipe também produziu um mapa afetivo junto com os atendidos que, segundo as profissionais, foi bastante revelador acerca do espaço e dos lugares frequentados pelos usuários, o que fortalece ainda mais a ideia de que os mapas afetivos se constituem como ferramenta importante na construção de diagnósticos socioterritoriais.

## 12. Porvir

E agora? O que fazer daqui pra frente? Pra onde ir? Como? Quais caminhos são possíveis? Andar com quem?

Sobre esse futuro (que é tão incerto quanto qualquer outro, mas que pode ser programado e sonhado, como qualquer outro) existem algumas estradas sendo pensadas e construídas. Parece que a mais comum delas é que Anhumas precisa de diagnósticos e estudos para que os serviços conheçam as necessidades e os reais interesses da comunidade. Dessa forma, na visão dos profissionais que lá atuam ou atuaram, as ações e estratégias desenvolvidas devem ser articuladas a partir daquilo que apareça como demanda ou expectativa da população. Será a partir desse reconhecimento que as atividades terão mais chances de serem aceitas e de terem adesão e apoio da população.

Sendo assim, se o ano de 2023 foi um ano de conhecimento e reconhecimento dos serviços entre si, o trabalho a partir de agora seria o de entender quais são as perspectivas dos moradores e dos profissionais que ali atuam e como e em que medida elas podem ser atendidas.

Uma coisa é certa: há uma profunda preocupação e cuidado para que as conquistas alcançadas não sejam perdidas. Ou seja, é preciso vigiar para não andar para trás. Não perder. É preciso zelar pela manutenção das reuniões de rede, a manutenção da profissional da saúde atuando dentro da escola, a manutenção da adesão e capilaridade da atuação da equipe volante, entre outros.

E, afinal, o que a gente precisa para realizar projetos no setor público? Quais são as ferramentas que devemos buscar para que nossas vontades políticas e nossos sonhos profissionais se realizem?

Precisamos, entre outras coisas, de pessoas que comprem nossas ideias junto com a gente, que estejam dispostas a caminhar conosco na construção dos projetos, no desenvolvimento de suas etapas e na superação dos desafios e dificuldades. É nessa caminhada coletiva, nessa junção dos saberes, das potências e dos recursos que estabelecemos um todo maior e mais significativo.

A partir desse caminhar junto, dessa intersectorialidade, que passamos a conhecer melhor a potência da nossa atuação e superamos os limites da nossa atuação isolada. As metodologias desenvolvidas e as etapas de trabalho vão sendo construídas com a força do trabalho coletivo. Diminuímos as incompletudes. Diminuímos as fronteiras entre o que conseguimos e o que não conseguimos fazer. Ampliamos possibilidades. As metodologias de trabalho e as estratégias de enfrentamento às vulnerabilidades e desigualdades são o reflexo de um trabalho que aglutinou as potencialidades de várias pastas/secretarias. O resultado é, além de mais eficiente, mais bonito e prazeroso, também.

Se alguém precisar entender o que é vontade política, a história da rede intersectorial de Anhumas explica.

ANEXO 1: lista de presença de uma das reuniões da Rede Inter de Anhumas

Reuniões da Rede  
Protetiva Local

23/11/2022

□ □ □ □ □ □  
S T Q Q S S D SEMANA

- 1) Bruno Jardim Pinto - CRAS Nova Horizonte
- 2) Tomé de Sá PSE Anhumas
- 3) Tânia Ruy Braga EQUIPE VOANTE
- 4) Valderli de Moraes EQUIPE VOANTE
- 5) Jaquiel Fereira de Carvalho
- 6) Ricardo Wanderley Hoffm - Prof. E. J.
- 7) Daniel Leonardo de Silva Professor
- 8) Rosam Silva de Farias Professora
- 9) Mécio Costa
- 10) Rogério Arlindo Leregatto Prof
- 11) Manoel Antonio da Rosa
- 12) Gluzane Alcide Almeida da Silva
- 13) Sílvia Christiane Ferra de Mota, Anhumas

## ANEXO 2 – Declaração de Ciência e Participação



CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE DE  
PIRACICABA – CMDCA

Rua Joaquim André, 895 – Centro CEP: 13.400-850 – Piracicaba/SP

Telefone: (19) 3434-0461 / 3434-7137

cmdcafumdeca@piracicaba.sp.gov.br – www.cmdca.piracicaba.sp.gov.br

### Anexo IV

#### Declaração de Ciência e Participação.

Declaro, em atendimento a determinação do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Piracicaba, na qualidade de dirigente desta entidade, sob as penas da Lei, em especial o artigo 299 do Decreto Lei 2.848/1940 (Código Penal), que após a análise do projeto ao final qualificado, a ser financiado pelo CMDCA, conforme Edital de Chamamento Público nº 03/2022 Resolução nº 20/2022, concordo com a execução das atividades que envolvem nossas instalações e ou a participação de nossos funcionários, conforme estabelecido no plano de trabalho do referidoprojeto.

DADOS DO PROJETO A SER FINANCIADO PELO CMDCA	
Nome OSC	CESAC - CENTRO SOCIAL DE ASSISTÊNCIA E CULTURA SÃO JOSÉ
CNPJ	54.408.026/0001-00
Nome Projeto	CANTE, DANÇA E ENCANTE
Objeto Projeto	Atividades de caráter socioeducativo e cultural a crianças e adolescentes, de 13 a 18 anos (salvo aqueles que já tiverem iniciado o projeto e, vierem a completar a maioridade civil durante a execução). Também poderão participar jovens entre 18 e 21 anos em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto, pessoa com deficiência e Egressos de Medida Socioeducativa em meio fechado.
Duração Projeto	01/02/2023 A 31/12/2023

Piracicaba, 18 DE NOVENBRO de 2022

  
Nome: Sheila Christine Freire De Matos Hussar

CPF: 067.720.178-89

CARGO Diretor de Escola

\*É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação

#### Links com as referências:

<https://blog.gesuas.com.br/intersectorialidade-suas/>

<http://planodiretor.piracicaba.sp.gov.br/>

[https://www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/assistencia\\_social/resolucoes/2018/Nota%20T%C3%A9cnica%20n%C2%BA%2003%20-%20Meio%20Rural.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/assistencia_social/resolucoes/2018/Nota%20T%C3%A9cnica%20n%C2%BA%2003%20-%20Meio%20Rural.pdf)

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7597/TeseAMPP.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

<https://aplicacoes.mds.gov.br/snas/documentos/04-caderno-creas-final-dez..pdf>

<https://www.clacso.org/wp-content/uploads/2022/12/Informe-Final-de-Cuidados-rurales.pdf>

dirce koga, medidas de cidades